

AMÉRICA DO SUL

Descoberta de petróleo e presença do príncipe William acirram disputa entre Argentina e Reino Unido pelas ilhas, 30 anos depois da guerra declarada pela ditadura militar

Sergio Goya/AFP



Manifestantes diante da embaixada britânica em Buenos Aires: o lema de "Malvinas argentinas" continua unindo o país

Não existe uma solução próxima para esse problema. Ambos querem a soberania"

Carlos Vidigal,
professor de relações internacionais na UnB

Se há uma coisa em que peronistas, antiperonistas, comunistas e conservadores concordam é sobre o lema 'Las Malvinas son argentinas'"

Mark Jones,
estudioso de América Latina na Universidade de Houston

Falklands ou Malvinas?

» CAROLINA VICENTIN

O governo argentino luta para sair de uma crise financeira, enfrenta acusações sobre leis dúbias aprovadas pela presidente Cristina Kirchner e ainda precisa lidar com uma espinhosa disputa internacional. Nos últimos meses, a Argentina aumentou a munição na batalha verbal sobre o controle das Malvinas, geladas ilhas ao sul do continente que estão sob domínio britânico há décadas. Desde o fim da guerra pela posse do arquipélago, há quase 30 anos, os argentinos tentam levar o assunto à mesa de negociações, sem sucesso. Agora, com as Malvinas prestes a se tornarem um lucrativo campo de extração de petróleo, a troca de farpas entre os dois países ficou ainda maior. E, segundo analistas ouvidos pelo *Correio*, o impasse está longe de uma solução.

Prova disso foram as declarações de Cristina Kirchner no primeiro discurso após o fim da licença médica que a afastou do poder por 20 dias. Na quarta-feira à noite, a presidente rebateu as acusações do primeiro-ministro britânico, David Cameron, que classificou a postura argentina como "colonialista". Para o governo de Londres, a tentativa de Buenos Aires de retomar o controle das ilhas fere o princípio da autodeterminação dos povos. Em uma pesquisa recente, os moradores das Malvinas afirmaram que querem continuar como cidadãos do Reino Unido. "Ninguém está pedindo que eles (os malvinenses) deixem de ser in-

Andrew Yates/AFP - 1/4/11



William a caminho do arquipélago: "militarização" irrita argentinos

gleses. Esses argumentos caem por si sós", disse Cristina. "Vamos seguir com nossa política de sempre, para que seja cumprida a resolução das Nações Unidas sobre se sentar, dialogar e negociar."

A mandatária já conseguiu importantes vitórias diplomáticas. Em novembro, os demais países do Mercosul, entre eles o Brasil, aceitaram não receber em seus portos navios com bandeiras das Ilhas Falkland — o nome inglês do território. "O apoio que a Argentina obteve foi extraordinário. Tanto o Mercosul como a Unasul (União das Nações Sul-Americanas) topa-

ram restringir a navegação", afirma Carlos Vidigal, professor de relações internacionais na Universidade de Brasília (UnB) e especialista em política argentina. "Foi a primeira vez que o país conseguiu uma posição sem dualidades por parte dos países sul-americanos", lembra Juan Recce, diretor do Centro Argentino de Estudos Internacionais. "Trata-se de um revés que reivindica o poder de Davi frente ao gigante Golias", exagera.

» Para saber mais

Tiro pela culatra

A disputa pelo arquipélago das Malvinas remonta ao século 19. Em 1833, o Reino Unido chegou à região de domínio argentino, instalou uma guarita militar e, desde então, mantém o controle sobre o local. No início da década de 1980, a economia da Argentina não ia muito bem e o regime ditatorial acusava o golpe, pressionado por manifestações e greves. O general Leopoldo Galtieri, o presidente de turno, ordenou uma ofensiva para retomar as ilhas pela força, na esperança de sufocar o descontentamento popular com uma onda de ufanismo.

Em 2 de abril de 1982, as tropas argentinas chegaram às Malvinas. Dois meses depois, foram derrotadas, com um saldo de 649 mortos do lado argentino e 258 do

lado britânico. Também morreram três civis. Galtieri renunciou em junho e a ditadura caiu no ano seguinte. No fim de 1983, o general foi mandado para a prisão, julgado e condenado — por violações dos direitos humanos, mas também pela condução desastrosa da guerra.

Ao longo do período de dominação inglesa, seguidos governos civis argentinos tentaram levar o assunto à mesa de negociações, sem sucesso. Atualmente, as Malvinas estão entre os 16 territórios sob supervisão do Comitê de Descolonização das Nações Unidas, que, anualmente, avalia a situação das regiões. Cerca de 3 mil pessoas vivem no arquipélago, entre ingleses, chilenos, espanhóis e kelpers, como são chamados os nativos.

Príncipe a serviço

O Reino Unido não deixou por menos. O governo autorizou o aumento das atividades militares nas ilhas e, no mês que vem, o príncipe William desembarca por lá para seis semanas de exercícios aeronáuticos na região. Segundo o jornal britânico *The Times*, o príncipe fez lobby para que o deixassem viajar às Malvinas, nas proximidades do aniversário de 30 anos da guerra entre a Argentina e o Reino Unido pelo controle do território (leia o Para saber mais).

"Isso não é um problema apenas para a Argentina, mas também para todos os países que são signatários de acordos de paz. Trata-se de uma potência militarizando uma região que não deveria ter presença tão ostensiva de forças de segurança", critica o professor Hector Saint-Pierre, argentino, diretor do Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade Estadual Paulista (Unesp).

Assim como Saint-Pierre, muitos argentinos se sentem afrontados pelo domínio britânico nas Malvinas. Na semana passada,

logo após as polêmicas declarações do premiê David Cameron, manifestantes foram para a frente da embaixada britânica em Buenos Aires e demonstraram repúdio à acusação de "colonialismo". Eles também pediram a Cristina Kirchner que rompesse as relações diplomáticas com Londres. "Se há uma coisa em que peronistas, antiperonistas, comunistas e conservadores concordam é sobre o lema 'las Malvinas son argentinas'", comenta o professor Mark Jones, da Universidade de Houston, especialista em questões latino-americanas. A reivindicação tem apoio de muitos governos de fora da América do Sul, exceto na Europa.

Sem guerra

Assim, é provável que a relação diplomática entre argentinos e britânicos fique cada vez pior. A tensão, no entanto, não deve provocar outra ofensiva armada. Além do risco da perda de vidas — algo que Cristina Kirchner não está disposta a enfrentar —, as forças armadas do país vizinho estão praticamente abandonadas. "O exército está em tal estado de decomposição, em termos funcionais, que seria incapaz de ter algum êxito contra as bem treinadas forças britânicas", diz o professor Jones. Engessados, os argentinos só têm como escolha continuar fazendo barulho. "Não existe uma solução próxima para esse problema. Ambos querem a soberania e, em termos históricos, quando há uma disputa assim, a coisa só se resolve por meio da força", observa o professor da UnB Carlos Vidigal.

Três perguntas para

ROBERT MUNKS, ANALISTA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS E RISCO POLÍTICO NA AMÉRICA LATINA PELA CONSULTORIA BRITÂNICA IHS

Por que Reino Unido e Argentina retomaram a disputa pelas Malvinas?

Há vários motivos para a retomada dessa discussão, e um dos principais está relacionado

à exploração do petróleo que está sob a ilha. A recente prospecção na região tem contribuído muito para o aumento da tensão entre os dois países. Além disso, estamos próximos ao aniversário de 30 anos da Guerra das Malvinas. Com isso, temos uma situação na qual, de um lado, o governo argentino insiste na discussão da soberania na ilha e, de outro, o Reino Unido

usa o princípio da autodeterminação dos povos para defender sua presença por lá. Ambos os lados são inflexíveis, e estou pessimista em relação a qualquer melhora nas relações bilaterais, ao menos em curto prazo.

A Argentina conquistou o importante apoio dos sócios do Mercosul nesse tema. Isso incomoda o Reino Unido?

A América Latina nunca foi estrategicamente prioritária para o Reino Unido. Mas, agora, os ingleses estão querendo aumentar a presença na região, principalmente por causa do comércio. Então, acho que o governo britânico está, sim, preocupado com o crescimento da disputa verbal sobre as Malvinas e com o apoio que a Argentina tem recebido dos vizinhos.

O senhor acredita que essa situação possa desencadear um novo conflito armado pelo controle do arquipélago?

Não. Muitas pessoas têm falado sobre essa possibilidade, mas há poucas razões para que isso aconteça. A Constituição argentina fala da disputa sobre as Malvinas de forma pacífica, e isso significa negociação. Além disso, os limites das for-

ças militares argentinas são muito diferentes do que em 1982. As forças armadas pouco se modernizaram de lá para cá, enquanto o exército britânico é muito mais tecnológico. Sem falar que há novas bases militares nas ilhas, ou mesmo bases que foram colocadas lá após a guerra e impediriam um ataque aos moldes do que ocorreu há 30 anos.